

# APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

## ESTUDOS COMPREENSIVOS E AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA

MANOEL RIBEIRO DE MORAES JUNIOR

● UMESSP

LAURENT JEROME

● UQAM

LEONARDO SILVEIRA SANTOS

● PPGSA-UFPA

A Amazônia é um bioma complexo e de muita amplitude, vastíssimo, que se divide ao menos em dois grandes mundos: a Amazônia alta, andina, e a Amazônia baixa. Durante muitos anos, o conhecimento científico, político e público sobre o universo da Amazônia baixa, foi bastante ofuscado pelos extensos estudos culturais da América Latina, pelas intensas investigações e museamentos de expressões mesoamericanas e pelas destacadas pesquisas arqueológicas da Amazônia andina, entre outros. A partir da segunda metade do século XX, múltiplos estudos interdisciplinares ambientais, sociais, arqueológicos, literários, étnicos, religiosos, econômicos, linguísticos e sobre os modos de vida locais, passados e presentes, ganharam densidade científica e possibilidades infraestruturais. Na Amazônia brasileira, ações governamentais para a criação de institutos de pesquisa, unidades de estudos e ações socioambientais, museus e universidades, entre outros, impulsionaram o envolvimento científico em outras ações de destaques. Dentre elas podemos destacar ações que envolvem o conhecimento local, preservação socioambiental, e mobilização pela proteção de saberes e modos de vida com raízes ancestrais, sempre fortalecendo as afirmações em favor da vida biodiversa do ponto de vista humano e, indistintamente, da natureza que mantem as diversidades dos modos humanos e não-humanos de viverem.

Nós, latino-americanistas, fomos desenvolvendo nosso trabalho em distintas direções ao longo do século 20, através das quais os estudos sobre a religião cultural latino-americana foram adquirindo seu perfil atual e definindo seu objeto. Durante a segunda metade desse período, mais precisamente a partir dos anos 1970, começou lentamente a ganhar relevância e ser levada em consideração a percepção da diversidade continental, centrada em algumas áreas que pluralizam seu perfil internamente, por uma parte, em matrizes culturais diferenciadas, e, por outra, em função da evolução histórica destes.

(...)

O espaço amazônico, no entanto, continuou praticamente desconsiderado nos estudos da cultura latino-americana. Trata-se de uma área que é vista como a mais distante do desenvolvimento, apesar de ter sido uma das primeiras da América Latina a se modernizar, durante o período da borracha; hoje é um centro de pesquisas científicas e tecnológicas de ponta, com rela-

ção à diversidade, recursos hídricos, indústria farmacêutica e outros. Além disso a região assume a feição de uma área fundamental nas perspectivas futuras, não apenas da América Latina, mas da própria humanidade, uma vez que guarda a maior biodiversidade do planeta e os recursos minerais essenciais para o desenvolvimento energético, bem como os recursos hídricos que, como se percebe no momento atual, passaram a representar a possibilidade de sobrevivência no futuro (Pizarro, 2012, p. 19-20).

Nos dias de hoje, sabemos que a presença humana arqueológica na Amazônia Baixa pré-colonial, por mais de doze séculos, foi fundamental para a ampliação da sua biodiversidade. Ao longo de diversas eras geológicas e climáticas, essas populações se destacaram pela criação de terras pretas, sistemas de irrigação, criadouros fluviais e pela concentração de entes zoológicos. Esses modos de vida, que antecederam os tempos coloniais e mercantis a partir do século XVI, integraram-se profundamente à Amazônia através de intensas interações anímicas, vendo-se como parte existencial deste mundo sacro-afetivo.

Da breve discussão aqui apresentada, depreende-se que existe uma característica subjacente ao processo de ocupação humana da Amazônia: a imensa biodiversidade ali verificada. Isso se manifesta no grande número de espécies de plantas e animais que ocupam a floresta, representando, para as populações humanas, um imenso banco de recursos utilizado ao longo de milênios. Ao mesmo tempo, a natureza sempre proveu referências para as sociedades indígenas que podem ser verificadas, por exemplo, nos ricos padrões de decoração das cerâmicas produzidas por diferentes grupos da Amazônia pré-colonial, em que é frequente a representação de seres fantásticos compostos por formas humanas e animais. Curiosamente, entre as sociedades de indígenas contemporâneas, é também comum encontrar processos similares, através dos quais seres humanos estariam constantemente envolvidos em transformações nas quais assumem identidades de ou tros animais. Como exemplo, há as narrativas de pajés que se transformam em onças ou pássaros durante o transe xamânico. Assim sendo, o mundo da natureza, para as populações

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

### ESTUDOS COMPREENSIVOS E AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA

indígenas da Amazônia, representa não somente um grande estoque de recursos materiais a ser utilizado de diferentes formas-para alimentação, construção de habitações, transporte, divertimento, mas também uma verdadeira biblioteca de referências, a partir da qual indivíduos e sociedades constroem narrativas sobre si mesmos e seus papéis no universo (Neves, 2006, p. 19,20).

Com modulações socioambientais distintas das sociedades palacianas e de outras que se desenvolveram a partir dos arquétipos neolíticos, esses modos de vida não se revelavam como “bons selvagens”. Pelo contrário, demonstravam uma complexa agrofloreabilidade, uma medicina eficaz e preventiva, um ordenamento social interno e interétnico sofisticado, uma rica diversidade de narrativas cosmopolíticas, múltiplos sistemas linguísticos locais, modos de moradia acolhedores e não-destrutivos, entre outros aspectos.

Contudo, a conclusão acima é perfeitamente compreensível se considerarmos a conquista das técnicas de cultivo já devidamente consolidadas e a Amazônia como um Éden natural desde sempre. Porém, a conquista das técnicas e a transformação da Amazônia em um “Éden” não foi casual. Tudo isto só teria sido possível com o desenvolvimento histórico das técnicas e dos modos de produção que levaram à conquista dos meios adequados de manejo e domesticação, e da escassez de certos ecossistemas naturais à fatura das paisagens construídas (Magalhães, 2016, 249).

Após os tempos coloniais, marcados pela extração mineral e botânica, colonização fundiária, escravização baseada em identificadores raciais, expansão monocultural e pecuária, e evangelização cristã com características monásticas e cruzadistas, este mundo amazônico passou a ser marcado pela devastação étnico-ambiental. Com a intensificação, militarização, territorialização e hegemonização das forças políticas e econômicas luso-coloniais no Brasil amazônico, uma segunda fase de economia-política baseada na força de trabalho escravocrata e no estereótipo racial se estabeleceu com a diáspora de pessoas, famílias e povos do continente africano para a América portuguesa. As populações afro-

diaspóricas e afro-brasileiras tiveram uma presença crescente e, mesmo sob séculos de exploração corporal e aviltamento dos seus modos de vida, constituíram inevitavelmente as raízes das populações que se tornaram brasileiras.

Durante os séculos de exploração, essas populações preservaram e adaptaram muitos de seus conhecimentos e práticas culturais na Amazônia. Linguagens, símbolos, alimentação, modos de pensamento, ritos, saberes médicos, estéticas, estereótipos físicos, fisionomias, entre outros aspectos herdados das diversas Áfricas, foram incorporados ao mundo norte brasileiro. Essas contribuições moldaram a sociedade amazônia em múltiplos aspectos, como na música, dança, culinária, medicina tradicional e na formação de coletivos religiosos afro-brasileiras, como o Candomblé, Tambor de Mina, Terecó e a Umbanda.

A presença afrodescendente também influenciou a estrutura social e econômica do país, especialmente nas áreas urbanas e rurais. Nas cidades, os afro-brasileiros desempenharam papéis fundamentais na criação de redes de solidariedade e resistência, formando comunidades vibrantes que enriqueceram a diversidade cultural em toda a Amazônia. Nas áreas agrárias e ribeirinhas, suas práticas agrícolas e conhecimentos ecológicos contribuíram para a preservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável. Essa afrodescendência moldou fisionomias, comportamentos, crenças e práticas de vida em diversos contextos, como os urbanos, agrários e ribeirinhos.

Do início da colonização do território que mais tarde seria denominado Brasil, no século XVI, até a baixa monarquia brasileira, no século XIX, a sociedade colonial predominou pelo uso do trabalho escravo nos modos de produção e nas relações sociais. Para sustentar essa força de trabalho escravo e compulsório, foram intensamente trazidas pessoas de diversos lugares e grupos etnolinguísticos do continente africano ao Maranhão, Pará e Macapá. Esses indivíduos, a quem a Europa simplesmente chamava de africanos, pertenciam principalmente aos grupos étnicos sudaneses, originários da região da Nigéria, Daomé e Costa do Marfim, e aos bantos, oriundos do Congo, Angola e Moçambique. A diáspora para a Amazônia foi marcada pela vinda forçada e sangrenta de pessoas por meio do porto da Costa da Mina (Guiné-Bissau e Costa do Marfim).

A diáspora, a afrodiáspora e os/as afrodiaspóricos/as são conceitos fundamentais para compreender a experiência dos descendentes africanos em diferentes partes do mundo. A diáspora refere-se à dispersão dessas populações ao longo da história, enquanto a afrodiáspora se concentra especificamente nas comunidades afrodescendentes. Os/as afrodiaspóricos/as

são os indivíduos que compartilham essa herança cultural e histórica. Esses conceitos são essenciais para ascender aos estudos raciais que ainda predominam, inclusive, na compreensão deste ambiente pluriétnico a partir de conceitos de raças, mestiçagens, sincretismos, simbioses e hibridação, que envolvem relações entre aspectos estáveis de religião, memória, corpo, habitação, alimentação, fauna, botânica, modos de vida, entre outros.

De acordo com Kim D. Butler e Petrônio Domingues (2020, p. XIV), os estudos sobre a afrodiáspora proporcionam uma visão mais profunda das contribuições africanas para a formação das sociedades nas Américas. Essas contribuições abrangem não apenas os aspectos culturais e sociais, mas também o impacto na biodiversidade e nos modos de vida sustentáveis praticados por essas comunidades ao longo dos séculos. O reconhecimento e a valorização desses conhecimentos são essenciais para promover a justiça social e a preservação do patrimônio cultural e ambiental.

Além disso, as tradições e práticas das populações afrodescendentes são vitais para a riqueza cultural do Brasil. A música, a dança, a culinária, a medicina tradicional e as práticas religiosas afro-brasileiras desempenham um papel crucial na identidade nacional. Essas expressões culturais são testemunhos da resistência e da resiliência dessas comunidades diante das adversidades históricas.

Em suma, o estudo da diáspora e da afrodiáspora revela a importância das populações afrodescendentes na construção das sociedades contemporâneas. Ao compreender e valorizar essas contribuições, podemos promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa, que reconheça a diversidade como um elemento fundamental para o desenvolvimento sustentável e a justiça social.

Além disso, a herança africana é evidente em várias expressões artísticas e culturais, como a capoeira, o samba, o maracatu e a literatura afro-brasileira. Essas expressões não apenas celebram a resistência e a resiliência das populações afrodescendentes, mas também enriquecem o patrimônio cultural do Brasil.

Após os tempos coloniais, marcados pela extração mineral e botânica, colonização fundiária, escravização baseada em identificadores raciais, expansão monocultural e pecuária, e evangelização cristã com características monásticas e cruzadistas, tanto católica quanto evangélicas, este mundo amazônico passou a ser marcado pela devastação étnico-ambiental. No entanto, as contribuições afro-brasileiras e ameríndias, continuam a ser uma parte vital e

indelével da identidade e da história da Amazônia, destacando a importância da diversidade e da inclusão na construção de uma nação mais justa e equitativa.

A Amazônia Paraense do século XXI carrega consigo o legado de uma diversificação étnico-ambiental antropogênica ao longo de mais de doze séculos de presença humana na região. A biodiversidade amazônico-paraense está ameaçada por conflitos étnicos, migratórios, religiosos, ambientais, econômico-políticos e fundiários. O desenvolvimento modernizante tem tratado os modos de vida ancestrais como incapazes de responder ao crescimento produtivo e consumidor da vida capitalista, e a natureza tem sido vista como um recurso objetivista capaz de elevar os índices econômicos.

Durante o processo pós-colonial de avanço da economia de mercado e produção na Amazônia, as sociedades étnicas e tradicionais passaram a sofrer um gnosiocídio - uma ameaça aos saberes etno-ambientais. Dessa forma, é possível observar populações étnicas perdendo seus afetos ancestrais e autossustentáveis, resultando na perda de um patrimônio humano integral. Expressões bioculturais, imagéticas, narrativas, rituais e cosmopolítica destes mundos podem nos revelar saberes que são fundamentais para entender a humanidade e a importância do bem-viver anímico para a preservação da vida.

Há em nossa Amazônia diversas modalidades de coletivos humanos que cultivam modos de vida anímica nos quais seus saberes ainda vivem em intensa correlação existencial com seus mundos ambientais. Modos ameríndios, ribeirinhos, agrofamiliares, quilombolas e, até em alguns espaços e momentos, citadinos, ainda mantêm saberes dialogais com a botânica amazônica, de modo estético, curativo, alimentar, religioso e habitacional, com a plena convicção de que a vida somente é plena enquanto cultivar convivência parental com um mundo em que a biodiversidade é crescente.

Estudou-se, na esteira de Wagley e Galvão, aquilo que este denominou “a religião do caboclo amazônico”. Esses estudos foram feitos inicialmente por Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino e Silva, numa pequena comunidade rural no Alto Cairari, que resultou em livro onde são descritas e analisadas as crenças e práticas do catolicismo e da pajelança de seus habitantes (FIGUEIREDO; SILVA, 1972). O primeiro desses autores publicou mais tarde artigo sobre o tema da pajelança denominada “cabocla” – para

distingui-la daquela praticada por populações indígenas –, sobre pajelança e catimbó na Região Bragantina (Nordeste do Pará) e retomou a mesma temática em livro e artigo que tratam não somente de pajés, mas também de rezadores e de remédios por eles utilizados, as chamadas puçangas (FIGUEIREDO, 1976, 1979, 1994). Vários outros antropólogos retomaram o tema, em diferentes áreas da Amazônia, como Salles (1967), Maués (1977, 1990, 1995), Lima Ayres (1992), Cravalho (1993, 1998), Maués e Villacorta (2001), Trindade (2007), Cavalcante (2008) e Quintas (2007). Exceto no caso deste último, cujo estudo se desenvolveu em casas de culto urbanas (Belém e Ananindeua) – onde a pajelança aparece com o nome de “pena e maracá”, relacionando-se mais fortemente com as práticas religiosas de matriz africana –, todos os outros estudos mostram um padrão de crenças e práticas ritualizadas, bem como de concepções cosmológicas mais amplas que, embora existentes em tempos e lugares distintos da Amazônia, apresentam notável semelhança. É importante mencionar também alguns estudos recentes sobre a alimentação, que se podem incluir no campo da antropologia da saúde, especialmente os de Murrieta (1998, 2001) e de Silva (2007) (Heraldo Maues, 2012).

Adicionalmente, as políticas governamentais e as pressões econômicas têm frequentemente negligenciado a importância de preservar esses modos de vida ancestrais e a rica biodiversidade da região. No entanto, há esforços crescentes por parte de organizações não-governamentais, comunidades locais e movimentos sociais para proteger e valorizar esses saberes tradicionais. Eles lutam pela criação de reservas ambientais, pelo reconhecimento dos direitos das populações tradicionais e pela promoção de práticas sustentáveis que respeitem e integrem os conhecimentos ancestrais.

Em suma, a Amazônia Paraense representa uma riqueza inestimável de diversidade biológica e cultural que necessita ser protegida e valorizada. O futuro da região depende da capacidade de integrar os saberes tradicionais com as demandas contemporâneas, promovendo um desenvolvimento sustentável que garanta o bem-estar das comunidades locais e a preservação do meio ambiente. A chave para um futuro sustentável na Amazônia está na valorização e na manutenção de um diálogo contínuo entre os

saberes ancestrais e as inovações modernas, assegurando que ambas as perspectivas contribuam para um equilíbrio harmonioso progressivamente indistintivo aos olhos humanos, do cultural e natural.

Este dossiê traz em seus artigos diversos trabalhos sobre expressões religiosas na Amazônia e estudos interpretativos.

Como resultado dos estudos hermenêuticos, o Dr. André Valva apresenta um trabalho que sugere o Modelo Interpretativo Simbólico de Textos Religiosos (MISTR). Desenvolvido com base nas teorias de Clifford Geertz, o MISTR oferece uma abordagem metodológica interdisciplinar para a análise de textos religiosos antigos. A análise é organizada em quatro níveis interconectados — literal, contextual, teológico e pragmático —, promovendo uma compreensão integrada dos significados textuais em suas conexões culturais, históricas e religiosas.

O Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho e a Dra. Rosana Araújo Rocha Moraes examinam na sua proposta de artigo, as contribuições culturais herdadas da África e sua influência na identidade cultural de várias nações do hemisfério ocidental. O estudo analisa a cultura africana e a construção da identidade ao longo do tempo, abordando sua constituição e resistência por meio de práticas socioantropológicas, especialmente a religião. Dividido em três seções — encontro com o ocidente, fundamentos culturais e históricos de identidade e a história da cultura africana no Maranhão e seus desdobramentos religiosos —, o trabalho reflete sobre a dinâmica cultural africana e a tentativa de apagamento de suas especificidades históricas em relação aos continentes europeu e americano. A pesquisa conclui que é essencial discutir e debater os estereótipos raciais que persistem até hoje.

O trabalho desenvolvido pelo Dr. Ivo Pereira da Silva, aborda as críticas de Joaquim Saldanha Marinho ao ultramontanismo presente em parte do clero católico brasileiro na segunda metade do século XIX. A pesquisa também investiga como Marinho utilizou algumas teses de Alexandre Herculano, que criticou o ultramontanismo em Portugal. Ambos eram adeptos de um anticlericalismo de cariz liberal e chamavam o catolicismo de Pio IX de neo-catolicismo, alegando um afastamento da “pureza dos princípios” constitucionais de suas nações. Eles rejeitaram o infalibilismo, mas não o catolicismo. O trabalho utilizou como base documental a obra “A Igreja e o Estado”, de Joaquim Saldanha Marinho, publicada no Brasil em 1873, e o texto de Alexandre Herculano “A supressão das Conferências do Casino”, de 1871. Documentos complementares também foram consultados conforme necessário.

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ  
ESTUDOS COMPREENSIVOS E AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA

Já o artigo que é resultado da pesquisa desenvolvida pela Dra. Flávia Lemos e pelo Doutorando Leonardo Santos, analisa a necessidade de redefinir o papel das Unidades Básicas de Saúde (UBS) na Amazônia, visando um atendimento mais inclusivo e intercultural, especialmente para mulheres ribeirinhas, quilombolas, indígenas e da floresta. Embora a presença das UBS represente um avanço significativo para a saúde coletiva, os modelos atuais carecem de uma abordagem que integre saberes plurais e considere a complexidade política, cultural, subjetiva, econômica e religiosa da sociobiodiversidade. O artigo destaca a importância de ouvir atentamente os saberes e memórias das mulheres que se dedicam ao cuidado comunitário, promovendo a equidade no Sistema Único de Saúde (SUS). Essa colaboração é essencial para oferecer um atendimento que respeite e valorize os modos de vida, deslocando as lógicas excludentes no sistema de saúde brasileiro através da integralidade do cuidado.

O Dr. Manoel Moraes e a Pesquisadora e Professora da Educação Indígena, Sra. Andrea Kumaruara, destacam no artigo por eles trabalhados, a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural dos povos ameríndios como um componente essencial para a compreensão da vida humana em seus respectivos mundos ecológicos. O estudo examina como os saberes ameríndios influenciam significativamente o mundo tapajônico, ressaltando a relevância dos mitos, rituais e narrativas orais para a preservação dos conhecimentos ancestrais. As narrativas apresentadas pelas Pajés Neusa e Suzete Kumaruara revelam histórias vívidas e envolventes sobre práticas de cura e mitos como a história do boto e a lenda da Cobra Grande no Rio Tapajós. Essas narrativas, transmitidas de geração em geração, refletem a riqueza dos modos de vida locais das comunidades ameríndias na região do Tapajós.

A Dra. Adriana dos Prazeres nos apresenta um artigo que tem como objetivo analisar a ação dos padres progressistas em uma parte da Amazônia brasileira e seus enfrentamentos com as elites, devido ao posicionamento que assumiram na luta pela terra entre o final da década de 1960 e o início da década de 1990. Para lançar luz sobre essas questões, foram investidas pesquisas nos arquivos da então Prelazia de Cameté (atualmente Diocese), nos arquivos da CNBB Norte 2, nos arquivos da Federação de Assistência Educacional e nos arquivos de jornais do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR). O estudo também utilizou a história oral, capturando a memória de trabalhadores rurais que vivenciaram o período.

O artigo, apresentado pela Dra. Flávia Lucas e pelo Doutorando Walison Dias, reflete sobre o deslocamento Warao e suas formas de sobrevivência. As necessidades humanas

de movimentar-se, ocupar territórios e relacionar-se com novos sujeitos são analisadas sob o conceito de biocultural, que abrange modos de cultura, hábitos e comportamentos dentro de ecossistemas complexos. Essas comunidades exercem práticas religiosas em (des)territorialização, caracterizando as formas de imigração Warao pelo Brasil. Metodologicamente, o artigo foi organizado a partir de levantamento bibliográfico e dados etnográficos da comunidade Warao liderada por Aidamo Valentin Perez, além de documentos da ONU/ACNUR e etnografias com o intérprete José López. Os resultados mostram a relação entre o deslocamento Warao e a espiritualidade, concluindo que a imigração para a região norte do Brasil está fortemente ligada à sobrevivência desses grupos e à manutenção de seus modos de vida, com práticas religiosas influenciando diretamente seus comportamentos.

O trabalho proposto pelos colegas franco-canadenses Dr. Laurent Jérôme, Doutorando Étienne Levac e o professor autóctone Anthony Quitich-Dub, analisa as estratégias dos jovens indígenas Atikamekw para superar desafios educacionais e fortalecer sua identidade cultural, com foco no Projeto Matakan e na Estratégia da Juventude Atikamekw (2021-2024). A pesquisa explora a educação como ferramenta de reconstrução identitária, considerando os impactos históricos das escolas residenciais e os traumas intergeracionais que afetam a confiança nas instituições escolares. Por meio de iniciativas que combinam educação formal e práticas culturais, como atividades sazonais no território, os jovens atuam como agentes sociais ativos na promoção de orgulho e pertencimento. A abordagem enfatiza a necessidade de integrar conhecimentos culturais ao sistema educacional, promovendo a valorização da tradição oral, do idioma e do patrimônio. Este trabalho contribui para debates decoloniais ao propor a interseção entre educação, território e identidade como elementos-chave para o desenvolvimento das juventudes indígenas, destacando o papel do orgulho e da esperança na superação de barreiras estruturais e epistêmicas.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- HERALDO MAUÉS, Raymundo. O Perspectivismo indígena é somente indígena? cosmologia, religião,

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ  
ESTUDOS COMPREENSIVOS E AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA

medicina e populações rurais na Amazônia. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 33–61, 2012. DOI: 10.5433/2176-6665.2012v17n1p33. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2012.v17n1p33>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. *Amazônia Antropogênica*. Belém: Ed. Do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

NEVES, Eduardo. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PIZARRO, Ana. *Amazônia. As vozes do rio*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.